



Argentina, Buenos Aires, 21 e 22 de junho de 2010.

III Fórum Iberoamericano de Crianças e Adolescentes.

No marco da XII Reunião de Ministras, Ministros e Altos Responsáveis pela Infância e Adolescência nos Países Iberoamericanos

Introdução

Este Fórum foi realizado nos dias 21 e 22 de junho de 2010 em Buenos Aires, Argentina, no Hotel Bauen na Cidade Autônoma de Buenos Aires.

Os países que participaram deste Fórum foram: Venezuela, Brasil, El Salvador, Chile, Perú, Uruguay, Paraguay e Argentina. As Organizações, redes e coletivos: RedNnyas e o Colectivo de la Infancia de Argentina, com todas suas Organizações membros.

Analisaram-se algumas problemáticas sociais, que nos afetam como crianças e adolescentes, por meio da descrição e da discussão de algumas situações vividas na região, a partir de três eixos temáticos: Educação e Multiculturalismo, Educação e Violência e Educação e Grupos sociais vulnerabilizados.

A metodologia de trabalho se fez a partir da Educação Popular, contemplando três momentos da jornada: descrição, explicação e transformação da realidade (propostas superadoras a partir dos lugares que ocupamos como jovens). Também se trabalhou com documentários curtos que “disparavam” as temáticas, jogos de associação, dinâmicas e técnicas próprias da educação popular, etc.

Considerandos

Entendemos que se educa e se aprende não apenas na escola, mas também na família, com os amigos, “na esquina”, no bairro, nos clubes, na prisão, nos estabelecimentos penais, nas organizações e instituições nas quais participamos, com os meios de comunicação, “com a própria vida”, etc.

Em nossos países existem muitas culturas diferentes como: bandos, tribos urbanas, povos originários, mas se persegue e se estigmatiza sempre pelo aspecto físico, desconhecendo costumes e formas de vestir, de atuar, etc.

A educação pública não assegura que todos tenham acesso ao ensino escolar e muitos dos que conseguem acesso a ela com uma problemática em especial, não recebem o tempo nem o tratamento que merecem, a lógica com que se maneja é a imposição de uma cultura pela força.

A alguns grupos se ouve mais que a outros, a diferença material leva à diferença de poder e tudo isso à discriminação. Há jovens que possuem mais possibilidades econômicas, políticas, sociais, de participação, que outros.



O sistema capitalista exerce esse poder sobre nossos povos, gerando maior pobreza, desigualdade de oportunidades, dano ambiental, mortes, entre outros.

É importante que se planeje considerando a diversidade; aprende-se com a diversidade e com ela se constroem novos fundamentos das coisas.

Nós cremos que temos que pensar no “agora, olhar a realidade do agora”; para construir outro futuro temos que gerar participação em nossas organizações sociais, redes, movimentos e qualquer espaço social.

Muitas vezes o erro vem do passado, e os adultos seguem transmitindo-o a outras gerações, como por exemplo na escola. Não se formam crianças e adolescentes com vontade de transformar a realidade, mas sim para seguir reproduzindo esta sociedade.

Nos meios de comunicação não se veem as coisas positivas, mas sim tudo o que é negativo dos adolescentes e crianças; se empenham em mostrar o que querem eles. Como jovens, temos que “pensar no positivo” e sensibilizarmos aos demais.

Cremos que as crianças e adolescentes não somos “vulneráveis” como dizem muitos, mas sim que a sociedade e esse sistema econômico nos faz vulneráveis e muitos de nós reproduzimos a violência que se exerce sobre nós mesmos.

Entendemos por violência: a humilhação, os gritos, os abusos sexuais, as brigas, a fome, a discriminação, o insulto, a pobreza extrema, a falta de moradia, o não poder entrar na escola, a falta de trabalho de nossos pais, as mortes evitáveis por problemas de saúde e desnutrição, entre outros.

Em relação à escola, pensamos que “não alcança e não avança”, se segue pensando em um aluno que já não existe. Por exemplo: se pensa que os adolescentes tem que chegar com a barriga cheia, sem conflitos nas suas famílias, vestidos e com vontade de prestar atenção e isso já não é assim.

Pensamos também que a escola está pensada para uma só classe social.

Algumas características da escola que podemos observar entre todos: intenta educar para os valores, o respeito, a integração, mas é classista, alienante, exclusiva, se ensina um “dever ser” e muitas vezes se reproduzem estereótipos.

A partir da escola e outras instituições não são tidos em conta os saberes populares, pensa-se-os como “fora de moda e do tempo”.

As crianças e adolescentes não temos lugares de pertencimento, justamente na etapa mais complicada da vida. Faltam projetos educativos e lugares de permanência para todos os jovens do planeta.



A discriminação se vê refletida no aspecto social, no físico, no cultural, pela escolha da religião, etc. “O preconceito é a chave da exclusão”.

A discriminação se vê claramente nos bairros, “por estar esperando uns amigos na esquina a polícia te acusa de vagabundagem, assim como não te deixam chegar ao centro da cidade e te dizem que voltes de novo ao bairro”. Nessas situações vemos como se criminaliza a pobreza.

Também vemos que a violência se exerce nos hospitais quando não te atendem, quando as ambulâncias não entram nos bairros assim como os coletivos ou qualquer outro meio de transporte público.

É por isso, que a seguir a essa análise, deixamos algumas recomendações.

Recomendações

Creemos que a educação popular necessita da participação social, requer fortalecimento do diálogo, compartilhamento de ideias, comunicarmo-nos com respeito.

Que se criem leis e projetos nos quais se pensem em todos os cidadãos e suas realidades sociais, que pisamos os solos dos Países da América Latina e do Caribe.

Conscientização por parte das crianças e dos adolescentes de seus direitos, por meio de boletins, marchas, mobilizações, jornais, revistas, e atividades de promoção em espaços públicos.

Que se convidem as crianças e adolescentes a participar nos debates referidos a suas problemáticas, colaborando com sugestões segundo as realidades sociais.

Que se criem conselhos consultivos de crianças e adolescentes. Que se leve em consideração sua voz no momento de elaborar políticas públicas nacionais, estaduais e municipais.

Que se sigam realizando encontros, fóruns, congressos e intercâmbios com crianças e adolescentes para seguir elaborando diagnósticos de nossas situações sociais e continuar intercambiando propostas de ação.

Dado em Buenos Aires a 22 de junho de 2010.

Tradução para a Língua Portuguesa feita sob responsabilidade do Fórum Nacional de Entidades não Governamentais de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente – FÓRUM DCA – Brasil, Brasília, DF, junho de 2010